



Antonio Miranda

Horizonte Cerrado

HORIZONTE CERRADO

**Capa de
Zenilton de Jesus Gayoso Miranda**

**A seguir, um dos capítulos da obra:
O CHAMADO**

O CHAMADO

Pirou de vez. Os amigos do Seu Geraldo estranharam o comportamento do velho candango que reapareceu na venda do Coxo com a barba branca crescida, os olhos esbugalhados e usando uma linguagem muito esquisita, coisas como homenzinhos verdes levitando no cerrado. Para quem não entendeu, ele explicou: flutuando no ar, como nuvens, como pontos luminosos movendo-se no espaço. Todo mundo já sabia de suas ligações extraterrestres, que havia sido abduzido por eles, só não imaginavam que ele fosse se embrenhar nos campos para contatos, na busca da solução de problemas terrestres.

- Pirou mesmo, o coitado. – concluíram.

A vida de Seu Geraldo sofreu um desvio de 180 graus. A notícia da bala perdida ou da tentativa de homicídio que padecera sua filha Ângela Maria deixou-o transtornado. Esperava sempre pelo pior, ela estava possessa, espíritos malignos povoavam seu corpo, que mais podia explicar aqueles desvios de conduta, a fuga para viver com um maconheiro numa favela do entorno de Brasília?! Menina educada, com formação religiosa sólida, por que freqüentava lugares tão promíscuos, por que tinha um comportamento tão desequilibrado, ardendo de desejos e febres demoníacas? Tão jovem e tão depravada e parecia um anjo, um querubim.

- Coisas da vida, seu Geraldo. – vaticinou o amigo

Leocádio.

- Sem-vergonhice... (pensou melhor e corrigiu) ou virou égua para demônios que estão em toda parte, buscando reencarnar.

- Égua?! Que é isso, seu Geraldo?!

- É o que se diz... os espíritos malignos das trevas buscam corpos fracos, montam neles, enlouquecem...

- Quem está louco é o senhor. Sua filha é vítima da ... – e calou, medindo as palavras, achou melhor não entrar naquela disputa.

- O senhor mesmo fez o que pôde por ela... E o que é que ela fez? A ingrata foi-se embora para juntar-se com um traficante.

O aposentado não fez comentários. Aquela história com Ângela Maria fora muito penosa para ele, não queria remover tais recordações complicadas.

- Eu tenho as minhas explicações. E sei que tem cura. – continuou Seu Geraldo.

- Vai praticar exorcismo? – ironizou.

Como o amigo não entendeu, ficou outra vez calado.

- Sei fazer umas beberagens. Tive uma revelação, sei que existe uma fórmula para todos os males.

- Vai delirar outra vez, vai falar de novo da roda contínua, dos seres extraterrestres?

- Vou – disse com bastante firmeza. Estou certo disso, sei que posso ajudar a minha filha.

Depois contou a história do aparecimento súbito do filho Roberto Carlos, depois de tantos anos.

- O senhor nunca me falou que tinha outro filho!
- Não é meu filho, é filho de minha mulher.

O professor ficou em silêncio diante da franqueza do amigo, ele estava falando sério, o velho professor sabia quando o amigo ruminava ou delirava e quando estava afundado em suas preocupações, quando fazia seus desabafos.

- Não é meu filho, ou é, mas não fiz ele. Quando me casei com Rosa, ela já guardava dentro dela aquele filho indesejado.

Professor Leocádio olhou-o com piedade, de uma distância cautelosa, sem mostrar qualquer reação, como respeitando sua confiança.

- Não sei bem, só soube pouco tempo depois de casado, quando ela não podia mais disfarçar. Para mim ela tinha casado moça donzela. Pensei até em matar, em ir embora. Rosa era uma goiana nascida e criada numa família evangélica...

- O senhor sempre se referiu a ela como sendo uma santa, seu Geraldo. – ousou dizê-lo, logo arrependendo-se. Seria melhor calar a boca mas não conseguia, aguçado pela curiosidade.

- É o que eu sempre disse.

Seu Geraldo ficou em silêncio por um bom tempo, acariciando a barba.

- Vendo o garoto tive a certeza, mais uma vez, de que não era meu filho.

- E daí, seu Geraldo? O senhor mesmo disse que era seu filho, o senhor o adotou, deu-lhe um nome, ele não tem culpa disso, merece o seu reconhecimento e o senhor só cresce com esse gesto.

- Esta não é a minha preocupação de agora, ele já se foi, já é homem, é dono de sua vida.

- E ?

- O problema é a Ângela...

- E daí?

- É igualzinha à mãe dela, sem tirar nem pôr.

Professor Leocádio achou que era melhor interromper aquele penoso diálogo, não queria entender além do que já havia percebido.

- Tudo bem, seu Geraldo, é melhor o senhor ir andando, eu vou dormir. Ou, se preferir, mando arrumar uma cama...

- Não é preciso. Eu vou partir agora mesmo.

- Para Brasília?

- Pro mato. É nas noites de lua cheia que é possível identificar algumas ervas, elas ficam iluminadas, só serve se forem colhidas assim.

- Cada doido com seu tema.

- O senhor tem as suas crenças, eu tenho as minhas. Eu não sei onde as plantas estão mas vou ser guiado até elas, algo me diz que vai ser assim. Eu não busco, eu encontro.

O velho aposentado voltou a ficar em silêncio, em sinal de respeito.

- Ainda não sei o que vou encontrar mas seja o que for

está lá esperando por mim e o chamado é para descobrir a cura dos males de minha filha, alguma coisa me diz que vai ser assim. Vou receber a revelação final em algum momento, talvez hoje, talvez amanhã.

- Pois vá, Seu Geraldo.

* * *

Se o nordestino é, antes de tudo, um forte, o homem do cerrado é coriáceo, curtido pelos longos meses de seca e frio e oxidado pelas temporadas de chuvas fortes. Seu Geraldo não fugia à regra, caminhando entre campos de capins e cupins, subindo murundus e os tantos montículos espalhados pelo caminho de um bioma erroneamente tido como homogêneo e monótono. Cruzando matas de galeria, perenifólias, saturadas de cipós e trepadeiras, brotações epífitas e parasitárias. Buritizais em forma de castiçais, devotos das águas pantanosas, oásis dos brejos, terrenos calinosos. Guiado pelo instinto de mateiro experiente, capaz de curar os próprios males com a farmacopéia mais primitiva e sensitiva. Ia decidido em busca de uma revelação, de um achado prodigioso que fosse capaz ao mesmo tempo de erradicar os males do corpo e as mazelas da alma. A cura estaria nas essências secretas de algumas plantas que ele não sabia ainda quais eram mas que certamente as identificaria com o poder de sua intuição e a força de sua fé.

Seria o chapéu de couro que cura doenças dos rins? Seria a pariparoba que é usada no combate às infecções como se fossem emplastos aquecidos? Arnica para contusões; sabão de tingüi, cujas sementes gelatinosas aliviam frieiras, combatem a caspa, a seborréia, males da pele; ou seria o gervão, cuja flor azul colhido na lua crescente e com orvalho e mel livra o paciente de ataques epiléticos? E mais: o ipê-roxo que embeleza a paisagem do cerrado cura a rouquidão com o chá de suas raízes; a raiz do imponente buriti dos brejos é um ótimo anti-reumático; a seiva das folhas da grácil macela alivia a prisão-de-ventre; as folhas e cascas da imponente aroeira servem para as dores do estômago e dos rins; e para os problemas do sexo nada como a catuaba-do-campo que é sempre afrodisíaca e o jacarandá-caroba que é anti-sifilítico...

Havia de tudo em seu caminho errante pelos interflúvios, pelas fissuras e grotas estreitas e pelos campos abertos, decifrando códigos celulares e seculares da vegetação: cactáceas colunares e bromélias serrilhadas, com seus frutos de bagas amarelas e néctares álares mas dulcíssimos; os pequis portentosos, os butiás rasteiros e recurvilíneos; as samambaias decumbentes e os araticuns grosseiros e pré-históricos; os araçás quase rasteiros e os cyrthopodiuns fálicos nas aflorações pedregosas assim também os encholiriuns de rosetas suculentas e prateadas ao sol, sem faltar as cattleyas com flores vaginiais. Por brenhas solitárias e veredas penhas, por meandros e trilhas enganosas.

Aonde queria chegar aquele corpo frágil e franzino, aqueles pés miúdos que pisavam o solo de pedriscos como se fosse um monge obstinado?

A primeira noite dormiu quase de cócoras, em posição fetal, coberto por uma capa encardida, encostado numa árvore de cascas como cortiças rachadas, sentindo frio sob uma imensa luz platinada a demarcar espaços e a criar silhuetas e sombras minuciosas no chão planaltino. Era quase lua cheia.

A segunda noite dormiu enroscado num colchão de folhas mortas, ouvindo as corujas e os pássaros confusos com aquela luminosidade escancarada e erma. Estava sedento e faminto, não bastava comer os cajuís raquíticos do lugar e o resto de farofa e carne seca de seu bernal imundo. A fome não era da falta de comida e a sede não era da

água escassa em seu cantil, era da angústia e da ansiedade, da expectativa e do medo. Em alguma parte estaria a resposta às suas indagações.

Na terceira e derradeira noite, exausto, com os pés ardendo, chegou à borda de uma mata compacta, espessa. Era como um santuário, uma reserva perdida. Nas luzes do plenilúnio apareceu a paisagem vegetal depois de um pôr-do-sol de nuvens incendiadas. A mata foi ficando escura, com silhuetas eretas, como uma muralha arbórea em que as copas estavam recortadas no horizonte impreciso. Logo veio a lua enorme, redonda, argêntea, suspensa no abismo invertido do firmamento e as luzes começaram a detalhar os contornos das copas das palmáceas, a revelar as formas galhadas de árvores com tillandsias e oncidiums enquanto ele penetrava por uma vereda de raízes afluentes e cipós espinhentos. Como se estivesse sendo guiado por uma energia que não era a sua, a conferir-lhe as forças que já lhe mermavam enquanto todos os troncos e todos os galhos ganhavam auréolas luminosas, cintilantes. Era capaz de ver a seiva fluída e os sumos iridescentes fervilhando pelas entranhas vasculares das folhas, como emaranhados capilares fosforescentes, como lavas em movimento contido. O solo estava acendido e translúcido e era possível ver as raízes e os tubérculos brilhantes, uma fantástica constelação de formas intrincadas e entrelaçadas, até as profundidades da terra. Tudo ganhava relevos incandescentes, transparentes, naquela zona de luz intensa, concentrada. Visões de purpurinas luzidias e faiscentes, daquelas raízes iluminadas, daqueles caules de puro néon, com contornos de tons verde-reluzentes como observados por um raio X multicolorido, daquelas copas de variegações infinitas. Havia meandros de águas subterrâneas reverberando suas luzes, despertando os cristais fossilizados e os minerais cintilantes, seus extratos vegetais refulgentes. Os vagalumes acesos. Seu Geraldo nem tinha consciência daquele cenário de voltagens impossíveis, enquanto colhia folhas flutuantes e recolhia seivas nas nervuras e fissuras dos troncos, coletando sementes únicas e flores secas e radiantes daquela paisagem espectral, nem escolhia nem rejeitava, as ervas se davam, as cascas desprendiam dos troncos e os líquens e musgos aderiam em seus dedos que os reuniam em seu bernal. Quando terminou a colheita involuntária, sentiu-se liberto, liberado, repentinamente livre de um controle que não sabia de onde procedia. Depois acendeu uma fogueira no descampado mais adiante, na clareira que o libertava do claustro arbóreo. Protegia-se do frio e logo preparou uma infusão com todas aquelas raízes e folhas, sementes e seivas e resultou numa solução perfumada e viscosa e bebeu parte dela como para servir de cobaia de sua própria alquimia. Vivera o pesadelo de sua fantasia, a cabeça estava para estourar. Sentiu uma vertigem súbita e caiu no solo folhoso e dormiu profundamente, ao relento, aquecido pelas brasas crepitantes e pela energia poderosa de sua beberagem mágica.